

A propósito das I Jornadas das Ciências do Porto Santo e do Ano Internacional da Astronomia



FRANCISCO FERNANDES

O programa das "I Jornadas das Ciências do Porto Santo" foi concebido à volta da temática do Ano Internacional da Astronomia, como aliás o foram muitos outros eventos já ocorridos e a ocorrer em 2009, na Região Autónoma da Madeira (a Festa do Desporto Escolar será o 100º evento!)

Da conferência de abertura foi encarregue o Doutor Laurindo Sobrinho, professor da UMA tendo construído, com a sua intervenção, as "pontes" entre a Astronomia e diversas Ciências.

A forma acessível e despreziosa com que prendeu a atenção do público — nem sempre apanágio dos académicos — e numa matéria que o prelector, obviamente, dominava num patamar praticamente inacessível aos que o ouviam foi, a todos os títulos, exemplar.

Por outro lado, do ponto de vista da Humanidade, foi um exercício de humildade que deveríamos ser capazes de transportar para outros campos de intervenção humana. O conceito de tempo e de distância, quando se fala de Universo, assume uma dimensão completamente nova que relativiza a medida com que encaramos as pessoas e as coisas que nos rodeiam. Particularmente profunda foi a noção de o Universo "tem tempo", nós não. O Universo tem projectos de milhões de anos. Nós somos incapazes de desenvolver projectos a dez anos...

Ao conceito de vida, fora do nosso espaço e conhecimento, é acrescentada a noção de "tal como nós a conhecemos", sem dúvida a grande incógnita que, há séculos, atravessa as nossas preocupações e dúvidas de terráqueos e faz situar o nosso nível actual de conhecimentos numa escala bem modesta.

A abordagem das várias Ciências que podem "beber" os conhecimentos e os resultados da investigação na Astronomia — a Matemática, a Medicina, a

Biologia, etc. — fez-nos recordar o facto de que, entre nós (UMA), o Curso de Astronomia tem, salvo erro, na antiga licenciatura, apenas dois alunos e, suponho, poucos ou nenhuns na "versão Bolonha", o que não deixa de constituir uma contradição entre a importância desta Ciência e as contribuições que a mesma pode carrear para as demais, sem falarmos de outras "pontes" na área das Humanidades, da Filosofia, da Literatura, da Arte...

Estou convicto que o ano de 2009 pode vir a representar um novo *élan* de atenção para a Astronomia e para a formação superior e avançada neste campo.

Num momento em que, à escala das grandes multinacionais, as estratégias de recursos humanos passam pela contratação de áreas de competência muito diversas da respectiva zona de negócios (por exemplo, instituições financeiras, tecnológicas e de entretenimento, que contratam licenciados em História, Filosofia, Matemática, Artes, Literatura, ...), o ano de 2009 poderá e deverá constituir o início de um novo paradigma na área da Astronomia e das Ciências associadas.

Numa sociedade demasiado ocupada a olhar o mundo à dimensão do seu umbigo, perderam-se, na névoa do tempo e no léxico, as expressões de "estar a olhar para as estrelas" ou "com a cabeça na Lua". Até, o simples e romântico "Amor, olha a Lua!" que tantas conquistas proporcionou e tantos amores fez despertar, se perdeu para um qualquer "Amor, já viste o meu novo iPod?", ou "Esta noite vamos à net?"

Num mundo poluído e hiper-iluminado, o céu perdeu o brilho e as estrelas até assustam os habitantes das grandes metrópoles, quando ocasionalmente ocorrem *blackouts*.

Já ninguém se deita nas ervas de um acampamento, depois de apagada a fogueira, tentando descortinar o mapa das constelações, recuperando o olhar dos nossos antepassados, daqueles que buscando a Estrela Polar ou o Cruzeiro do Sul, deram novos mundos ao mundo.

É disso que se trata, é essa recuperação de hábitos que se procura quando, no Ano Internacional da Astronomia, se convida a população a olhar o céu, e a Terra.

As I Jornadas das Ciências do Porto Santo foram um desses convites, honra seja feita à EB23+S do Porto Santo, à sua Câmara Municipal e às professoras Sónia Cortesão e Rosalina Gomes. ■

Monolitismo cultural e incoerência



GILBERTO TEIXEIRA

Está na ordem do dia a tentação hegemónica duns *atrelados* da esquerda frustrada e burra, que insistem que o JM é "concorrente desleal" do DN, o arauto da *independência* informativa, que se queixa dos seus fracassos comerciais e editoriais, porque ambiciona o monopólio do mercado madeirense dos jornais.

O desfecho da lei da pluralidade e da não concentração dos meios de comunicação social, em que o PS está empenhado, deu lugar ao pessimismo latente dos que argumentam que este jornal é responsável pela queda do DN, e tem a ver com duas coisas distintas:

1. O interesse do Governo da República em fechar o JM através dum lei vetada em primeira versão pelo Presidente da República, insere-se numa campanha mais vasta, que paulatinamente, pretende anular qualquer voz regional que esteja na área do poder ou do PSD. A RTP local passa por uma "reorganização" que a leva a ser preterida na renovação de equipamento em relação aos Açores. Quem trabalha na estação madeirense sabe disto e conhece até o "material" que estava prometido à Madeira, mas que já foi parar aos Açores. Bicuado venceu Leonel.

2. A RDP entretanto dominada pelos espertos de Lisboa, a pouco e pouco substitui programas regionais por programas nacionais, e quando procederem à mudança definitiva da Tenente Coronel Sarmento para as instalações da RTP em Santo António, passarão a emissão regional através da capital, na sua totalidade, utilizando um esquema de emissão que escapa ao controlo das pessoas que trabalham na Madeira.

Ou seja, aquelas queixas e parangonas do DN, aconteceram numa altura em que o veto do Presidente da República à lei (engendrada pelos comunistas infiltrados no partido socialista liderado por José Sócrates) produzia efeitos e desarticulava a afinação da estratégia, para atacar em várias frentes e em simultâneo, a anunciada resistência do Governo Regional da Madeira.

Esta acção de pressão, tem como única finalidade, mandar para o desemprego as incómodas vozes da verdade e da liberdade, que são os que trabalham neste jornal, deixando campo livre a um monopólio do DN, que se afadiga a zurrir nos monopólios que possam existir por aí. Mas os "amigos" do DN que por despeito puro, que dura tantos anos, quanto aqueles em que se zangaram com o "Chefe" quando eram seus subordinados, passam para a opinião pública a ideia de um conflito que é uma farsa e fantasia. As adivinhações feitas por indivíduo corrido de vários partidos, por incompetência e arrogância, além de mediocridade de ideias, sobre a personalidade do líder do PSD regional e da sua eventual estratégia política, e destino final, são um mimo sociológico.

Alguém já se esqueceu que se o Governo Regional tivesse concordado com a eventual proposta do DN, de conceder 100 mil euros mensais de publicidade oficial, já tudo estaria bem, acabava-se a "concor-

rência desleal", e a vida continuava na paz dos euros a entrar nos bolsos dos patrões da concentração dos meios de comunicação social, para alimentar a exorbitância das mordomias a chefes de jornalistas cuja produtividade é escassa

A revelação desta proposta, feita no semanário A TRIBUNA DA MADEIRA, pelo jornalista Rui Marote que foi forçado a sair do DN, depois de um processo em Tribunal que não chegou a julgamento, movido pela entidade patronal que pertence ao Grupo Blandy, ainda não foi desmentida. E a eventual perseguição feita pelo DN ao dr. Ricardo Vieira por defender o Rui Marote só acabou depois do acordo entre as partes e respectiva indemnização ao jornalista fotógrafo. É sintomático!

O que não se compreende é a razão porque certas figuras se associam ao monolitismo cultural da DN, desprestigiante, porque sucessiva e sistematicamente desmentido, pelas inverdades que publica com uma arrogância deprimente. Analisem os projectos concorrentes sob a forma de noticiar, opinar, formar, e sejam intelectualmente honestos. É fácil constatar tudo isto, quando diante de certas notícias de eventual inconveniência política, o DN socorre-se dos mesmos "figurões" para pedir comentários, em que ninguém acredita, por tantas e graves incoerências que poluem o já de si, ar fétido e pútrido desta parte da sociedade insolente que também temos. A maioria deles empresários de sucesso, também com as ajudas do Governo Regional em vários domínios. É chocante.

O comportamento desqualificado de todos os intervenientes no processo de condenação deste jornal, é tão ridículo que não sofre qualquer evolução moral positiva, na medida em que ninguém esquece o que está para trás, no tempo das viagens e das contrapartidas em publicidade, como de outros acontecimentos protocolados, que ocorreram por vontade, esperteza competitiva e ambição sem limites. A podridão está a corroer os incomodados pela vertigem do lucro ou dos melhores salários.

Querer condições de igualdade por um lado, e às escondidas manobrar, exigir e manipular na mais pura crueldade é um vil atentado à liberdade de informação e ao pluralismo, desfazendo na Autonomia da Madeira, provocando divisões e deixando, as portas da discriminação e do abuso do poder escancaradas. Ninguém quer reconhecer publicamente, o papel histórico e cultural relevante, desempenhado por certas personagens, mas quando as liberdades forem cercadas e o desemprego invadir a área da comunicação social regional, a situação será irremediável.

É um imperativo ético dos profissionais da comunicação social, que foram enganados por este Governo socialista que, por exemplo, extinguiu a Caixa dos Jornalistas, prejudicando-os seriamente como beneficiários da Segurança Social, para satisfazer apetites dos grandes grupos económicos, que concretizaram uma concentração de meios assustadora, reagir com determinação às afrontas que aí vêm embrulhadas (para a RTP e RDP), por filosofias que visam enterrar a Autonomia que tanto custou a conquistar.

Não é eticamente aceitável, nem nunca entendi muito bem, porque é que se amontoam as pretensões, fabricadas por pessoas que já defecaram quais passarinhos, em quase todos os galhos da árvore da comunicação social regional. Há quem tenha escapado a esta descredibilização, aceite por outros, por medo de despedimento ou inação comprometedora. Os autênticos profissionais de jornalismo (que existem a sério) podem ser vítimas da soberba e da imposição de empresários e seus acólitos sem escrúpulos. Cuidem-se e às famílias. O ataque feroz à Autonomia é contra os madeirenses em geral. ■